TL295-27

II Jornadas de Timor da UP

TEMA III- CULTURA E ESTRUTURA SOCIAL

Luís da Costa

Todos os timorenses - partidos, população e Igreja Católica local - devem esforçar-se por estabelecer, em Timor-Leste, um governo democrático que conduza a Nação Timor para uma consolidação da liberdade, da democracia e do desenvolvimento. O governo, mesmo a oposição, deve trabalhar para melhorar o nível de vida e o bem-estar do Povo Maubere. Contudo, a questão de escolher o caminho a seguir depende da vontade do povo e esta opção manifesta-se nas eleições livres. Para isso, na presente conjuntura política, todos os timorenses devem unir-se a fim de criar um único bloco nacionalista, na diversidade ideológica mas dentro dos princípios que regem a convergência Nacionalista, para que as Nações Unidas estabeleçam condições favoráveis para uma eleição livre, no território. Pois, sem estas condições nada se pode fazer para o bem do Povo Timor.

A realidade social e política timorense está estruturada num sistema com características democráticas, em que o chefe eleito tem o poder limitado pelo consenso geral dos velhos - katuas - e, normalmente, sem possibilidade de sucessão hereditária. Enquanto a influência europeia se não fez sentir, a organização timorense estruturava-se num feudalismo primitivo chefiado por um Liurai - o monarca.

Os chefes do suco e aldeias, os liurais, são escolhidos livremente entre a classe nobre, formando uma poderosa e rica classe dirigente detentora da autoridade e da justiça. Os liurais eram escolhidos, em eleição, pelos seus pares reunidos - os Datos -, os descendentes de famílias reais, pelo lado paterno ou materno.

São os chefes que resolvem as questões ou disputas entre pessoas da sua jurisdição e só recorrem ao Liurai quando se sentem incapazes de dar solução. as questões familiares são resolvidas pelo mais velho - katuas - do knua. Além disso, os katuas são os guardiães das tradições e bons costumes de um knua ou suco. Eles velam para que haja bem-estar e harmonia entre todos os habitantes.

Por isso, numa primeira fase da Nação jovem, é necessário aceitar que os "datos" e os "katuas", mais idóneos e influentes, façam parte do concelho consultivo dos reinos e knuas.

A divisão administrativa deve respeitar as fronteiras tradicionais dos reinos, divisão étnico-linguística, mas as circunscrições (concelhos) podem ser reduzidas e as povoações desaparecer para dar lugar a "Knua" mais alargado (não limitado apenas a grupo familiar). A criação de vários concelhos e, sobretudo, postos administrativos foi feita para dar postos de trabalho a deportados e a metropolitanos que se fixaram no território depois de cumprirem o serviço militar, e não com o objectivo de facilitar o desenvolvimento do País Timor.

Creio que, depois de anos de experiência e mentalização, se podia tentar outras formas de divisão, seguindo, por exemplo, a experiência, bastante feliz, da Fretilin que dividiu o território em regiões: Ponta Leste, Centros (Leste, Norte e Sul) e Fronteiras (Norte e Sul). Permanecem, no entanto, os reinos (mas não os postos administrativos) e os Knuas (em substituição das povoações).

Cada região, suco e knua deve possuir infraestruturas mínimas de saúde, educação e administração que respondam a todas as solicitações e necessidades da população, sem necessidade de se deslocarem até à sede dos reinos ou, mesmo, até à capital, Dili.

A família é a forma primeira e indivisa a partir da qual se edifica toda a complexa estrutura social timorense. Ela deve ser monogâmica e qualquer sistema que se venha a implantar na sociedade timorense deve respeitar o espírito de família e espírito tradicional alargado de família.

No entanto, deve-se sensibilizar a população para a igualdade de direitos entre homens e mulheres, para não violação dos direitos humanos da criança e proteger a dignidade humana contra qualquer tipo de exploração. Deve-se sensibilizar a sociedade timorense para respeitar a personalidade independente da mulher, de maneira que se eleve a sua posição social e justiça e se eliminem todos os obstáculos que impedem a contribuição activa da mulher na sociedade.

O casamento, seja qual for o regime de hafoli ou barlake - é sempre precedido de uma prenda antenupcial, cujas exigências se costumam avaliar pelas possibilidades do pretendente e sua família. O regime "foli", no regime de hafoli, como meio de exploração

do homem e, sobretudo, da mulher, deve ser abolido. Mas como "dote" dos familiares, segundo o verdadeiro espírito tradicional, para a nova família constituida, como expressão materializada de deveres e direitos recíprocos, como forma de se situar no mesmo nível social entre os familiares, acho que é uma tradição a conservar, depois de sensibilizada.

A estrutura do espírito alargado de família contribui grandemente para que o timorense opte pela propriedade privada e/ou familiar. Embora se observe que o trabalho nas hortas e várzeas, nas fazendas de cafezeiros e coqueiros, se faça em cooperação espontânea, a nível familiar ou do knua, a concepção da propriedade é sempre individual ou familiar.

Na religião, o timorense situa-se entre dois mundos opostos: o seu "mundo", o Cosmos, o território onde ele habita, e o espaço desconhecido e indeterminado que o cerca, o Caos, povoado de mil demónios e de um sem-número de almas dos mortos.

A sua religião tradicional é o animismo, uma religião que é a própria vida do homem relacionada com tudo o que o rodeia. Por isso, cada acontecimento importante, na vida timorense, é acompanhado por sacrifícios, rituais e oferendas.

Na sua concepção de salvação, encontra-se uma tríade sagrada: Maromak - o deus por excelência; Rai - a terra, lugar dos vivos; e Lalehan, o céu, a morada dos deuses da Natureza e mansão dos antepassados.

Assim, as relíquias respeitantes à história da comunidade do knua ou do reino são guardadas no Uma Lulik, casa sagrada, sob a responsabilidade do Dato Lulik, sacerdote tradicional.

É neste ambiente de misticismo e do imaginário que, em 1515, segundo a tradição oral dos katuas, os primeiros portugueses, os missionários, aportaram à ilha do crocodilo, Timor Leste. Durante século e meio, os missionários foram pregando o Evangelho de Cristo e ensinando os primeiros passos da cultura portuguesa. Hoje, podemos afirmar que, o espírito do Evangelho, através da Igreja Católica, está no íntimo de todo o timorense - cristão ou gentio - e a Igreja Católica local, através dos seus padres, tem-se manifestado, nestes últimos anos o defensor incondicional da vontade do Povo Maubere.

Qualquer governo que se venha a implantar em Timor Leste deve respeitar a Igreja Católica. A educação a desenvolver deve visar uma integral formação intelectual, humana e espiritual, garantindo a liberdade religiosa, de maneira que todos incentivem e aprofundem a emancipação cultural, social, económica e política da Nação Timor.

Na educação, a língua oficial a tulizar será o português, mas, ao mesmo tempo, deve-se incrementar o ensino do "Tetum", língua nacional, desenvolvendo e divulgando o imaginário lendário e contista do seu Povo.

A prática tradicional, de saúde, é uma realidade milenar dos "matandoks" verdadeiros depositários de conhecimentos ancestrais de plantas medicinais, que têm curado doenças e males da população, nomeadamente antes da introdução da medicina ocidental.

Mais para garantir o seu meio de subsistência do que por questão de mera superstição, como muitas vezes se têm afirmado, os matandoks não revelam as plantas medicianais do seu exclusivo conhecimento. Por isso, há uma grande necessidade de mentalizar a população para encarar as práticas tradicionais de saúde como um complemento e não alternativa da ciência médica. É ainda necessário mentalizar os matandoks no sentido de fomentar a descoberta e pesquisa dos efeitos das plantas medicinais, revelando as plantas do seu conhecimento.

No fundo, é urgente desenvolver uma ampla e eficaz educação sanitária que leve as pessoas a quererem ser saudáveis e que saibam como chegar a um estado de saúde desejável e, quando necessário, recorrerem às pessoas competentes.

Timor Leste é uma ilha vincadamente com características agrícolas e florestais. Possui uma grande variedade de árvores com riquíssimas características e, por isso, destruí-las será um crime contra a natureza. As queimadas para a caça ritual devem ser abolidas porque têm destruído as florestas e diminuído as espécies de animais que povoam o território. a par das queimadas de caças rituais, o timorense queima habitualmente os arbustos que abateu na área da sua horta. Pois a prática agrícola, não mecanizada, bem como a facilidade com que crescem as ervas daninhas, obrigam o timorense a efectuar queimadas - loin rai. Queima o entulho e com os troncos acesos vai passando, a pente fino, pelas ervas ou raízes que resistiram ao primeiro fogo.

O desenvolvimento económico da nação não deve descuidar a criação de estruturas que garantam o bem-estar da pessoa, numa vida sã e culta. Deve educar as mães para os cuidados a ter com a criança em geral e, sobretudo, na primeira infância- O acompanhamento médico durante a gravidez e os primeiros meses deve ser gratuito e mentalizar as mães para a necessidade desse acompanhamento.

Finalmente, a política nacional deve dar primazia ao respeito pela vida e dignidade do homem. Deve estabelecer um sistema social íntegro que liberte o povo da ansiedade na velhice e na doença.

Lisboa, 18 de Janeiro de 1990

Luís Costa